

TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO

As armas e os barões assomados,
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares novos de antes navegados
Presentemente aliam da Esphera
Das perigos e guerra esvaziada,
Mão de que prometta a força humana,
E outro ganto coveiro edificaram,
Novo Reino, que tanto sublimaram,

E nunciam as memórias gloriosas,
Que do Ocidental praia Lusitana
Por mares novos de antes navegados
Presentemente aliam da Esphera
Das perigos e guerra esvaziada,
Mão de que prometta a força humana,
E outro ganto coveiro edificaram,
Novo Reino, que tanto sublimaram,

A lesson do sábio Grego e do Troiano
As armadas grandes que fizeram;
Cabeças de hereges que tiveram;
A morte de Alexandre o Grande;
Que de cetro e de coroa obedeceram,
A quem de cetro e de coroa antiga canta,
E como se levantou alevantam.

TEATRO CARLOS ALBERTO
7—10 MAI 2025

Os Lusíadas Como Nunca os Ouvia

por

António Fonseca

a partir de

Luís de Camões

produção
Companhia Nacional
de Espectáculos

M/12 anos

qua+sex 10:00+15:00
8 mai qui 10:00
(sessões para escolas)
qui+sáb 19:00

De Lisboa à Índia

Ida
sessões para escolas
dur. aprox. 1:30

Ida e Volta
sessões para público
em geral
dur. aprox. 2:45

essinalados
Lusitana
s navegado
Taprobana
sforçados
a força humana,
dificaram
sublimaram:
s gloriosas
am dilatando
erras viciosas
ndaram devastando,
as valerosas
e libertando,
por toda parte
o engenho e arte
go e do Troiano
es que fizeram
de Trajano
tiveram;
stre Lusitano,
e obedeceram
antiga casa
se alevanta.



Aqui e agora

ANTÓNIO FONSECA

Há uns anos comecei a decorar *Os Lusíadas* porque... não tinha mais nada para fazer... e também porque tinha umas contas a ajustar com o meu tempo do ensino secundário: sentia-me culpado por não ter gostado... e...

Fui reescrevendo tudo, verso a verso, estrofe a estrofe, episódio a episódio, canto a canto, socorrendo-me da informação só para perceber a letra original e deixando que, a partir daí, explorassem as coincidências de sentido com o mundo e o tempo em que vivo, que os ritmos se manifestassem, a brincadeira acontecesse, a emoção jorrasse. Foram anos nisto.

Só queria fazer a falação de uma obra cuja escrita é tão intrincada. Cuja leitura é tão difícil. Queria reescrevê-la na fala, que é um sítio muito mais antigo de comunicação do que a escrita. E porque é esse o meu ofício: reinventar, na fala, no corpo, ao vivo, o que foi escrito. Nesse sentido, este é também um exercício sobre o meu ofício: nada se inscreve no corpo que não viaje por dentro, que não seja celular, que não tenha passado muitas vezes pelo coração no incessante bombeamento sistólico, que não seja *by heart, par coeur*, de cor.

Quando comecei não sabia nada disto, nem destas razões. Também não sabia que tenho cromossomas de alguém que foi naquela viagem. Porque não foi o Gama que descobriu o caminho marítimo para a Índia, como nos mentiram na escola. Ele comandou umas dezenas de homens, cerca de 170, dos quais só 50 e tal voltaram. Mas... todos fizemos aquela viagem com o coração nas mãos. Não a fizemos todos ao mesmo tempo, mas nenhum escapou ao escorbuto ou à ameaça do Adamastor, e todos passaram pela Ilha dos Amores. E deixaram-nos isso nos cromossomas.

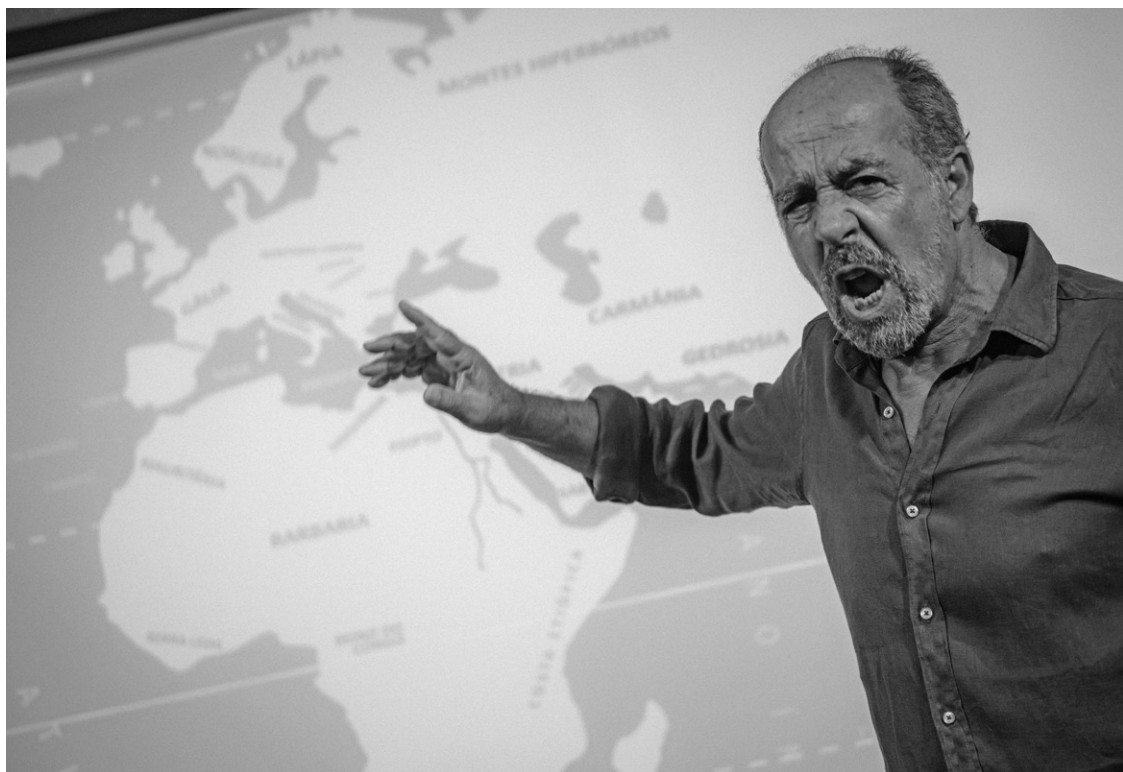
Os cheiros da Índia esfumaram-se, levou-os o vento há muito. Mas *Esta é a ditosa pátria minha amada* ficou. E com Camões aprendi que esta pátria é colo e amargura, é mães e esposas a chorar na praia, é ganância e glória de mandar, é *peito cobiçoso e sitibundo/ que, por tomar o alheio, o miserando/ povo aventura às penas do Profundo*. A pátria de Camões, a pátria dos *Lusíadas*, é a *minha terra* dos emigrantes (ou não tivesse ele próprio sido emigrante na Índia durante 17 anos, onde escreveu a maior parte da sua obra). Não! Não é *heróis do mar e nação valente*. Mas essa

não perpassa nos *Lusíadas*? Sim, vagamente. O erotismo também lá está e isso não faz dos *Lusíadas* um *Kama Sutra*.

Os Lusíadas contam uma grande estória da vida, uma grande estória da condição de ser humano, uma metáfora enorme da nossa condição de seres históricos, em qualquer sítio, em qualquer contexto cultural, em qualquer tempo: um punhado de homens que se lança no espaço desconhecido por razões absolutamente contraditórias. Podemos imaginar: por ambição, por desespero, por ganância, por aventura, por idealismo, por convicção, por necessidade, por inconsciência... Atualizar essas motivações de viver, que são ainda as nossas, através da arte maior da poesia de Camões... seguindo o conselho de António José Saraiva:

Por vezes interessa pouco o que ele diz, e vale só a língua sonora que percorre os vários graus da escala, uma palavra que espande, um som rouco de queixa ou um gesto teatral que se entrevê. Por vezes, também, é um brinco meio irónico com palavras que se repetem ou opõem, como os poetas sempre gostaram de fazer diante dos seus auditores...

... é o meu propósito, aqui e agora, nestes espetáculos no Teatro Carlos Alberto. ■



Camões, o maior poeta em português

JORGE DE SENA*

Foi um dos raros escritores portugueses que transcendeu a barreira da língua e a ter uma vasta influência na literatura ocidental. O que se conhece de Camões, num sentido estritamente biográfico, é muito pouco. Quase nada se sabe ao certo e tudo aponta para que tenha sido um homem bem pouco comum, que nunca casou ou foi pai de sabidos filhos (apesar da sua ostentação de casos amorosos, ardente erotismo e até adolescente gabarolice nas suas obras – ou talvez demasiado de tudo isto). Das suas ideias, dos seus sentimentos, esperanças e tristezas, estejam como estiverem disfarçados sob os modos e tonalidades da sua época (e também por causa dos perigosamente repressivos tempos em que vivia), tudo sabemos, já que não muitos grandes poetas, no mundo da literatura, escreveram tanto acerca de si mesmos como ele fez obsessivamente, até no seu poema épico.

Supõe-se que nasceu em Lisboa (outras cidades o reclamam) cerca de 1524 ou 1525, quando a expansão portuguesa no Oriente estava no auge. Recentes pesquisas mostram-no como sendo, embora membro de uma empobrecida aristocracia, bastante bem aparentado com os grandes de Portugal e de Espanha. Não há qualquer prova de que Luís Vaz tenha estudado na Universidade de Coimbra, ou sequer que tenha seguido quaisquer estudos regulares, contudo, não muitos poetas europeus do seu tempo atingiram um tão vasto conhecimento de cultura clássica e moderna, assim como de filosofia.

Pensa-se que a sua juventude, em Lisboa, teve pouco de ordenada, e há prova de que D. João III lhe perdoou (1553), quando ele estava preso por uma malfadada briga de rua em Lisboa, na qual, com outros, assaltou um servidor real. O perdão sugere que Camões iria servir o rei, na Índia. Nada do que por lá fez por cerca de dezassete anos está documentado. Com certeza que esteve lá, a julgar por referências nas suas obras, em que mostra um conhecimento íntimo das condições sociais

da área. Ao contrário de outros, é evidente que não fez lá fortuna, uma vez que se queixa muitas vezes da sua má sorte ou das injustiças que enfrentou. Quando voltou a Portugal, o documento que lhe concede (julho de 1572) a tença real, fá-lo pelos serviços prestados na Índia (e não apenas para o compensar da publicação de *Os Lusíadas*, como comumente se diz). *Os Lusíadas* apareceram em 1572, provavelmente nos primeiros meses desse ano. A mãe, viúva, sobreviveu-lhe e teve a tença renovada no nome dela. Os documentos relacionados com os pagamentos e a renovação são conhecidos, e por eles pode a sua morte ser estabelecida – 10 de junho de 1580.

Os dez cantos de *Os Lusíadas* são em oitava rima (1102 estâncias). Após uma proposição introdutória, uma invocação às ninfas do Tejo, e uma dedicatória ao rei D. Sebastião, a ação começa, simultaneamente, aos níveis histórico e mitológico. As naus de Vasco da Gama estão já no oceano Índico, navegando para a costa oriental da África, e os deuses do Olimpo juntam-se para discutir o destino da expedição (favorecida por Vénus e atacada por Baco). Os dois primeiros cantos, narrados pelo poeta, dizem respeito à viagem até Melinde (parte do atual Quênia), onde os barcos são bem recebidos pelos chefes locais, que perguntam ao Gama quem são os portugueses. Os dois cantos seguintes são narrados pelo almirante e tratam da história portuguesa, desde as suas lendárias origens (os Lusíadas ou Portugueses descendem de Luso, um ascendente de Baco), até a partida da frota de Lisboa (1497); e termina com a bela descrição da saída deles para o mar. No canto V, Gama descreve ao rei a viagem de Lisboa a Melinde, trazendo a História e a Viagem juntas, no espaço e no tempo, ao momento em que o discurso termina. Os deuses pagãos dos dois primeiros cantos estão todos ausentes da narrativa do almirante. Com a partida de Melinde encerra-se o primeiro ciclo do poema. No canto VI, o poeta aparece para descrever o cruzar do oceano Índico. Um segundo concílio dos deuses (os deuses marítimos para quem Baco desta vez apela), reúne-se no começo deste segundo ciclo e é arrastado pela argumentação de Baco contra a presença dos portugueses no Oriente. Com a ajuda de Vénus, os navegantes sobrevivem a uma terrível tempestade e atingem a costa da Índia. Os cantos VII e VIII tratam dos contactos de

Gama com a Índia, onde Baco tenta, em vão, as últimas artimanhas. Atingido o objetivo, os descobridores regressam a Portugal. No canto IX, Vénus premeia-os com a Ilha dos Amores, um paraíso terrestre, onde os heróis mergulham em prazeres eróticos com as ninfas, chefiadas por Téthys, a deusa dos mares, que se entrega ao Gama. No canto X, uma ninfa e Téthys dizem-lhes em profecia alguns feitos dos portugueses no Oriente (até cerca de 1560), e Téthys mostra-lhes a estrutura do Universo. Os dois últimos cantos são uma portentosa epifania, na qual a História, a Viagem e a Mitologia se fundem, numa gloriosa conclusão.

Ao longo de *Os Lusíadas*, Camões desenvolve esplêndidos episódios que animam a narrativa: o assassinio de Inês de Castro, que se torna um símbolo da morte por amor (canto III); uma impressionante condenação do espírito de aventura feita por um velho quando os barcos partem de Portugal (o episódio do Velho do Restelo – canto IV); Adamastor, o gigante de linhagem clássica que, no Cabo da Boa Esperança, diz ao Gama que estará à espera para destruir a flotilha quando esta vier da Índia (canto V); a história de cavalaria dos Doze de Inglaterra (canto VI), etc. Mas descrições de tempestades, fenómenos naturais, batalhas, encontros sensuais, também combinam com passos realísticos e vida experimentada para transcender a orquestração das alusões clássicas inseridas na essência de toda a estrutura, o que contribuiu para o elevado tom e todavia fluente estilo do poema. *Os Lusíadas* dão-nos, através de um inigualável comando da linguagem, em diferentes níveis linguísticos e tonalidades estilísticas, e uma espantosa variedade de ritmos subtis, um fascinante retrato de um extraordinário homem e poeta, que se sentiu destinado pelos Fados a falar da história europeia até ao encontro com o Oriente (*Os Lusíadas* são muito menos uma imitação de Vergílio do que um poema que pretende ser, para o Ocidente, o que a *Aeneida* foi para Roma), e dar corpo à derradeira perda de todas as aspirações humanas. ■

* Escritor.

Excertos adaptados de “Camões – Verbete para uma enciclopédia”. In *Trinta anos de Camões, 1948-1978*, Volume I, Edições 70, 1980. p. 295-302.

“Que presentes me trazes?” valerosos?”

APOIOS



AGRADECIMENTOS

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública

EDIÇÃO

Teatro Nacional São João

coordenação
Rui Manuel Amaral

fotografia
Estelle Valente

design gráfico
João Faria/Drop

impressão
Mota & Ferreira, Lda.

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o espetáculo.
O uso de telemóveis
e outros dispositivos
eletrónicos é incómodo,
tanto para o intérprete
como para os espectadores.



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

O TNSJ É MEMBRO



UNIÃO TEATROS EUROPA

companhia
nacional de
espectáculos*

Com o apoio de:

